

Resenha

Pionnières de la diversité: Tarsila do Amaral e a sala verde-floresta no Musée du Luxembourg em 2022

Pionnières de la diversité: Tarsila do Amaral and the forest-green room in the Musée du Luxembourg in 2022

DOI: 10.20396/rhac.v4i2.18524

LETÍCIA ASFORA FALABELLA LEME

Doutoranda em História da Arte pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)

 0000-0001-9385-6163

Resumo

Em 2022 o Musée du Luxembourg em Paris exibiu *Pionnières: Artistes dans le Paris des années folles*. Ao reunir na exposição artistas mulheres que atuaram na Paris dos anos de 1920, a mostra se vê diante de uma demanda: integrar artistas do sul global, dentre elas Tarsila do Amaral, que compartilharam a experiência de produzir na capital francesa no pós-guerra. A solução encontrada foi colocá-las na última sala, denominada *Pionnières de la diversité*, com paredes pintadas de verde-floresta, junto a artistas europeias. Este trabalho trata desta sala, e investiga como ela dialoga com o discurso curatorial de *Pionnières*.

Palavras-chave: Musée du Luxembourg. *Pionnières*. Mulheres artistas. Modernismo.

Abstract

In 2022, the Musée du Luxembourg in Paris exhibited *Pionnières: Artistes dans le Paris des années folles*. By bringing together female artists who worked in Paris during the 1920s, the exhibition faced a demand: to integrate artists from the global south who shared the experience of living and producing in the French capital in the post-war period. The solution was to place them in the last room, called *Pionnières de la diversité*, with forest-green painted walls, alongside European artists. This work addresses this room and investigates how it engages with the curatorial discourse of *Pionnières*.

Keywords: Musée du Luxembourg. *Pionnières*. Women artists. Modernism.

Pionnières: Artistes dans le Paris des années folles

Ao entrar no Musée du Luxembourg em Paris entre 2 de março e 10 de julho de 2022 o visitante de *Pionnières: Artistes dans le Paris des années folles*¹ se depara com um grande mapa-múndi na parede: as artistas cujos trabalhos integram a exposição estão espalhadas pelo mapa de acordo com seu país de origem. Tratando-se de uma exposição que busca reivindicar o pioneirismo de mulheres que produziram em Paris nos anos de 1920, não é estranha a presença, em grande número, de artistas europeias, notadamente francesas, mas também muitas vindas do leste do continente e dos Estados Unidos. São as exceções aquelas que não aparecem com seus nomes ligados por uma seta ao velho mundo ou à América do Norte: a brasileira Tarsila do Amaral e a indiana Amrita Sher-Gil, duas das trinta e oito apresentadas ao público.

O recorte temporal da exposição, os anos de 1920, chamados de *Années Folles* em Paris, é marcado por profundas mudanças na capital francesa desencadeadas pelo fim da Primeira Guerra Mundial. *Pionnières* parte da compreensão, pela curadoria, de que neste contexto as mulheres assumem um papel central no desenvolvimento dos movimentos artísticos modernos². Já o recorte espacial, a cidade de Paris, aparece quase como um oásis para a produção dessas mulheres. Há uma reivindicação de Paris como centro, e das artistas estrangeiras como mensageiras de uma nova modernidade criada e sediada na capital francesa³.

A mostra é dividida em sete salas, das quais trago a versão em português em tradução livre: 1. *Les femmes sur tous les fronts* - As mulheres em todos os fronts; 2. *Comment les avant-gardes se conjuguent au féminin* - Como as vanguardas se conjugam no feminino; 3. *Vivre de son art* - Viver de sua arte; 4. *Les garçonnnes* - As meninas-meninos, 4bis *Chez soi, sans fard* - Em casa, sem fardos; 5. *Représenter son corps autrement* - Representar seu corpo de outra maneira, 5bis - *Les deux amies* - As duas amigas; 6. *Le troisième genre* - O terceiro gênero; e 7. *Pionnières de la diversité* - Pioneiras da diversidade.

Essa divisão pretende agrupar tanto experimentos plásticos dessas artistas - na sala dois, por exemplo, que tem como assunto o desenvolvimento do abstracionismo, e na sala cinco, que mostra algumas soluções encontradas por elas para a representação do corpo feminino -, quanto desafios de

¹ Em cartaz entre 2 de março e 10 de julho de 2022, no Musée du Luxembourg, em Paris, com curadoria de Camille Morineau.

² Há aqui uma reflexão importante a ser pontuada e já comentada em outras resenhas sobre a exposição: a insistência, ainda em *Pionnières*, em inserir as mulheres artistas na lógica masculinista da história da arte modernista das vanguardas. Esse debate é muito bem-feito por Eva Belgherbi que cito e sugiro a leitura completa. BELGHERBI, Eva. Un pas en avant, trois pas en Pionnières. **Un carnet genre et histoire de l'art**, 3 abr. 2022. Disponível em: <https://ghda.hypotheses.org/1871>. Acesso em: 14 nov. 2023.

³ "Elles viennent à Paris du monde entier, s'y établissent définitivement ou reviennent chez elles, se faisant alors les porte-parole de la modernité" Texto de apresentação da exposição.

ordem social - na sala três, por exemplo, que debate como algumas delas precisaram se voltar para uma produção artística interdisciplinar para poder viver de sua arte.

As salas de *Pionnières* têm paredes predominantemente brancas ou com cores pastéis quase sem contraste. São três exceções: a sala de entrada, onde o vermelho escuro se soma ao grande mapa-múndi preto; a sala 5bis, *Les Deux amis*, onde um amarelo mostarda serve de suporte para as obras de Tamara de Lempicka, incluindo a escolhida como cartaz para a exposição, *Suzy Solidor*, de 1935; e a terceira, a sala de número 7 e última da exposição, *Pionnières de la diversité*⁴. Após percorrer toda a exposição e passar por uma ampla sala com paredes brancas [Figura 1], o visitante se vê diante do que parece um mundo completamente diferente. As paredes coloridas com um verde escuro saturado dão a sensação de se entrar em uma floresta tropical.



Figura 1:
Vista da Sala 6, *Le troisième genre*, com a entrada da sala 7, *Pionnières de la diversité* ao fundo.
Fotografia da autora.

⁴ Pioneiras da diversidade, em tradução livre.

Tarsila, pionnière de la diversité?

Pionnières de la diversité, a última sala da exposição, apresenta um conjunto de quatorze obras produzidas por oito artistas⁵, além de três livros de Lucie Couturier exibidos em uma vitrine. Apesar da sala reivindicar diversidade, são somente duas as artistas não-europeias presentes - quando sabemos que muitas outras viveram e produziram em Paris naquele momento⁶ -, Tarsila do Amaral, com quatro obras e a indiana Amrita Sher-Gil, com uma, um autorretrato.

O texto de parede, reproduzido integralmente em anexo⁷, argumenta que por já não estarem no centro do mundo, as artistas mulheres seriam mais sensíveis às múltiplas questões sociais e culturais ao seu redor. Ao reivindicar uma sensibilidade coletiva, a curadoria generaliza os diversos percursos das artistas exibidas por uma vontade de heroizar essas personagens. Essa vontade não é ilegítima, e faz parte de uma demanda "decolonial" - que vem do mercado, do público etc. -, mas entrega uma reflexão simplista que apaga as tensões existentes entre as obras e seus contextos de produção.

Sobre as artistas não-europeias, o texto de parede segue: "Algumas delas exportaram a modernidade para outros continentes, como a brasileira Tarsila do Amaral e Amrita Sher-Gil; também se interessaram pela representação da diversidade"⁸. Um clássico da curadoria do norte-global no tratamento de artistas vindas das periferias, a frase lembra o que María Ramírez narrava em 1992, trinta anos antes de *Pionnières*, sobre a abordagem dos curadores estadunidenses ao trabalho de artistas modernistas latino-americanas:

the selection of artists and works in these exhibitions invariably functioned not as representative of what is "different" in Latin American art and culture but as a reflection of the modernist values and ideology of the First World museum curators.⁹

São quatro as obras de Tarsila do Amaral apresentadas: *Abaporu VI*, de 1928 e *La Famille*, de 1925, ambos da coleção do Museu Nacional Centro de Arte Reina Sofia e *Lagoa Santa*, de 1925 e *Carte postale*, de 1929, os dois de coleções particulares cariocas. As duas últimas são as únicas paisagens presentes na sala.

⁵ Lucie Couturier, Anna Quinquaud, Tarsila do Amaral, Amrita Sher-Gil, Juliette Roche, Suzanne Valadon, Nina Hamnett e Mela Muter.

⁶ As latino-americanas, pelo menos, foram mapeadas no trabalho de Michele Greet "Latin American Artists in Interwar Paris", Disponível em: <https://transatlanticencounters.rchnm.org/> Acesso em: 15 nov 2023.

⁷ Anexo 1 - Texto de parede da sala 7, *Pionnières de la diversité*.

⁸ Tradução livre. Anexo 1.

⁹ RAMIREZ, Mari Carmen. Beyond 'The Fantastic': Framing Identity in US Exhibitions of Latin American Art. *Art Journal*, v. 51, n. 4 Winter 1992, p. 66.

Em *Carte postale*, a cidade do Rio de Janeiro se esconde atrás de uma floresta tropical, que se mescla com a cor escolhida para pintar as paredes de *Pionnières de la diversité*¹⁰ [Figura 2].



Figura 2:

Vista das obras de Tarsila do Amaral *Carte Postale* e *La Famille*, penduradas nas paredes verde-floresta da sala 7, *Pionnières de la diversité*. Fotografia da autora.

As duas outras obras de Tarsila selecionadas pela curadoria sintetizariam dois aspectos mobilizados também pelo Museum of Modern Art (MoMA) em 2018 e pelo Museu de Artes de São Paulo (Masp) em 2019 em suas recentes exposições individuais da artista¹¹. *Abaporu VI* marcaria sua trajetória como pioneira do movimento antropofágico no Brasil e *La Famille* a coroaria como ilustradora do povo brasileiro.

Além de se apropriar dos mesmos discursos utilizados nas mostras de São Paulo e Nova Iorque, em *Pionnières* a reflexão sobre a regionalidade na obra da artista ganha uma outra camada. Tarsila parece ocupar em Paris na ocasião um lugar quase universal do imaginário moderno dos trópicos. Isso é reforçado pela escolha da curadoria de conferir exclusividade à artista na apresentação de paisagens "diversas".

Em *Pionnières*, ao invés de representar diversidade, sua obra é generalizada como representante de toda uma modernidade periférica que é apropriada pela modernidade europeia através do discurso de que Tarsila, a grande heroína das periferias, seria um produto de Paris. Sua obra não é somente exposta, mas também colocada em destaque nas divulgações na mídia impressa: Tarsila está,

¹⁰ Anexo 2, Imagens da exposição.

¹¹ Sobre as recentes exposições individuais de Tarsila ver LIMA, Nerian Teixeira de Macedo de. **Tarsila global**: releituras de sua obra. 2020. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/1640649>. Acesso em: 15 nov. 2023.

aparentemente, popular na capital francesa¹². A reprodução de *Carte Postale* estava sendo vendida em ímãs, cadernos, marca-páginas, entre outros *souvenirs* na loja do Musée du Luxembourg.

Essa popularidade vem da sequência de exposições individuais, notadamente a do MoMA, que trouxeram uma atenção internacional à artista brasileira. Há, porém, mais resquícios em *Pionnières* da mostra no MoMA do que a fama de Tarsila. Nerian Lima narra que, na mostra de Nova Iorque, houve uma tentativa de "oferecer uma releitura dos cânones modernistas ao contemplar uma artista modernista periférica", porém, "esta expectativa é frustrada quando a narrativa oferecida pela instituição preocupa-se em oferecer uma genealogia europeia da artista e de seu trabalho em detrimento das particularidades de sua produção"¹³. No Luxembourg a ideia parece a mesma, assim como o resultado. O que assistimos é o surgimento de um padrão de uso da obra de Tarsila internacionalmente. Pela demanda, olhar para as periferias, no discurso, se manter no centro.

Além de Tarsila: o saldo da floresta tropical

O procedimento de heroicização do trabalho feminino, como deixou bem claro o texto de abertura da exposição, será repetido em quase todas as artistas da exposição e, ousado dizer, com maior problema na sala que a encerra. Isso porque, além de desconsiderar as especificidades regionais, como no caso de Tarsila, no caso das europeias da sala apaga relações coloniais [Figura 3]. Juliette Roche é narrada como uma heroína da democracia racial por pintar um "almoço na relva multiétnico"¹⁴. Sem explicação, o texto de parede diz que Anna Quinquaud e Lucie Couturier "oferecem uma representação não estereotipada do povo africano por meio de suas obras e escritos"¹⁵.

Há um abismo, também, entre os dois nus expostos na sala: o da indiana Amrita Sher-Gil, *Autoportrait en Tahitienne*, um autorretrato de 1934, e *Vénus noire* de Suzanne Valadon, de 1919. Sher-Gil pintou a si mesma. Valadon, francesa e branca, pintou o *outro*, com a referência clássica da Vênus, por ela colocada em uma paisagem tropical bem-marcada que também se confunde com as paredes verde-floresta escolhidas pela curadoria.

¹² O processo de internacionalização da obra de Tarsila também é explorado por Nerian Lima. LIMA, *op. cit.*

¹³ *Ibidem*, p. 179.

¹⁴ "déjeuner sur l'herbe moderne et multiethnique", tradução livre. Anexo 1.

¹⁵ "offrent une représentation non stéréotypée du peuple africain à travers leurs œuvres et écrits", Tradução livre. Anexo 1.



Figura 3:
Vista das obras de Amrita Sher-Gil e Juliette Roche atrás da plataforma com as esculturas de Anna Quinquaud, sala 7, *Pionnières de la diversité*.
Fotografia da autora.

O saldo geral de *Pionnières de la diversité* é contraproducente. Ao invés de diversidade, há uma generalização explícita dos trabalhos das artistas representadas. Há um reforço do pioneirismo das vanguardas europeias - criadas por homens. O discurso de emancipação do gênero feminino é cego quanto às tensões raciais e coloniais. As paredes verde-floresta revivem o imaginário exótico do sul global.

Anexo 1 - Texto de parede da sala 7, *Pionnières de la diversité*

Pionnières de la diversité

Sans doute parce qu'elles étaient déjà à la périphérie d'un monde dont elles auraient voulu être au centre, les artistes femmes ont été aventurières, mobiles, curieuses et ouvertes à d'autres cultures. Elles ont pour certaines exporté la modernité sur d'autres continents, comme la Brésilienne Tarsila Do Amaral et Amrita Sher-Gil; elles se sont également intéressées à la représentation de la diversité. Le manque de reconnaissance dans leur pays a rendu ces pionnières particulièrement sensibles à d'autres cultures que les leurs.

Dans ce contexte créatif, Juliette Roche conçoit un déjeuner sur l'herbe moderne et multiethnique, une relecture de *La Danse* de Matisse, dans lequel les trois femmes assises au centre du tableau représenteraient le dialogue entre couleurs de peau, et où les danseurs androgynes

annihileraient toute différence entre les sexes, évoquant l'espoir de vivre ensemble et en paix. Lucie Cousturier et Anna Quinquaud voyagent en Afrique et offrent une représentation non stéréotypée du peuple africain à travers leurs œuvres et écrits.¹⁶

¹⁶ "Pioneiras da diversidade. Sem dúvida porque já estavam à margem de um mundo onde gostariam de estar no centro, as artistas mulheres foram aventureiras, móveis, curiosas e abertas a outras culturas. Algumas delas exportaram a modernidade para outros continentes, como a brasileira Tarsila do Amaral e Amrita Sher-Gil; também se interessaram pela representação da diversidade. A falta de reconhecimento em seus países tornou essas pioneiras particularmente sensíveis a outras culturas que não as suas. Neste contexto criativo, Juliette Roche concebe um almoço na relva moderno e multiétnico, uma releitura de *A Dança* de Matisse, onde as três mulheres sentadas no centro da pintura representariam o diálogo entre diferentes tons de pele, e onde os dançarinos andrógenos anulariam qualquer diferença entre os sexos, evocando a esperança de viver juntos e em paz. Lucie Couturier e Anna Quinquaud viajam para a África e oferecem uma representação não estereotipada do povo africano através de suas obras e escritos." Tradução livre.